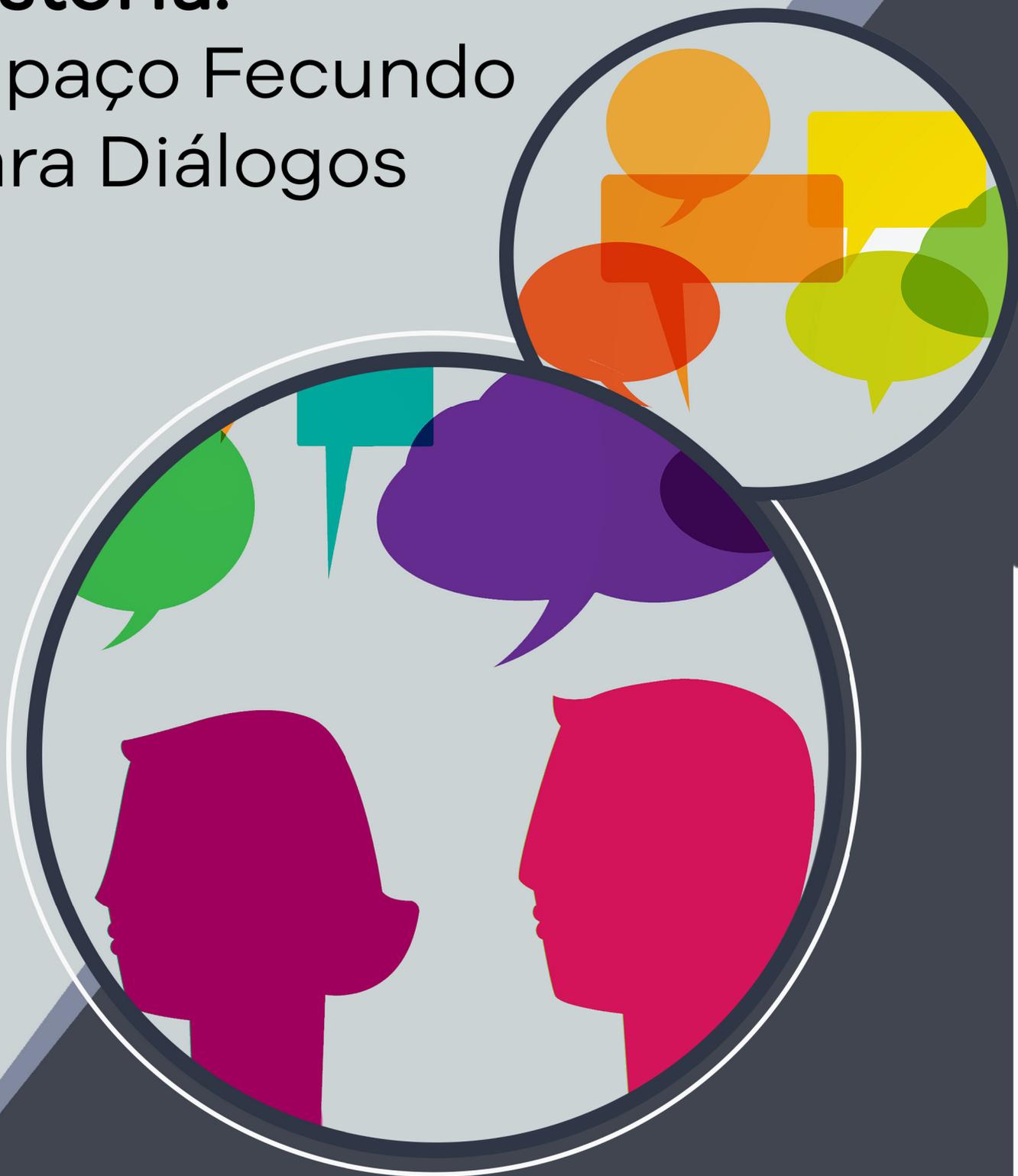


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO CANTO GENERAL DE PABLO NERUDA

Gabriel de Souza Fagundes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
gabrieldesouzafagundes@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o estudo das concepções de fronteira contidas ao longo da obra *Canto General*, do escritor chileno Pablo Neruda. As ideias de fronteira expressadas na poética nerudiana compreendem alguns significados, primeiramente relacionados à geografia, porém com outros desdobramentos. A seleção de poemas analisados (13 poemas divididos entre os capítulos IV, V, VIII, IX, XIII e XV) apresenta a fronteira como signo em duas variações presentes nos versos. Dessa forma, história e literatura se entrecruzam para representarem essa posição intermediária, zona de mediações e de limites que é a fronteira.

PALAVRAS-CHAVE: Canto General; História e Literatura; Intertextualidade; Fronteiras;

1 | A FRONTEIRA NOS LIMITES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: UM BREVE PANORAMA

As discussões e representações sobre fronteiras tanto na literatura (enquanto narrativa)

quanto na história (enquanto narrativa e área do conhecimento) são extensas. Sobre as fronteiras e territórios fronteiriços representados na literatura, podemos mencionar alguns exemplos: William Shakespeare – *Trabalhos de amor perdidos* (1598), sobre Navarra –, até o século XX com Sérgio Faraco – *Dançar Tango em Porto Alegre* (1998) –. Do “teatro elisabetano” da Inglaterra do século XVI aos contos da América Latina do século XX, e outros diversos contextos sociais e culturais passados ou futuros, a literatura enquanto fonte e objeto possui muito potencial para o estudo das fronteiras.

Em um panorama historiográfico e das Ciências Sociais de maneira geral, a fronteira se encontra desde obras clássicas do século XIX de autores como Frederick Jackson Turner – *O Significado da Fronteira da História Americana* (1893), a fronteira como o limite de um território a ser conquistado; Domingo Faustino Sarmiento – *Facundo* (1874), a fronteira ideológica e cultural entre a civilização do Estado-nação Argentina e a barbárie dos caudilhos nos pampas argentinos; passando pela segunda metade do século XX que passam a analisar o fenômeno a partir de um enfoque antropológico como Fredrik Barth – *Os grupos étnicos e as suas fronteiras* (1969), os

limites entre os grupos étnicos são definidos pelos contatos entre estes. Atualmente, os debates transdisciplinares sobre fronteiras alcançaram outro patamar e superaram diversas perspectivas etnocêntricas e não-historicizadas, colocando este conceito como portador de diferentes significados.

Como um exemplo interessante desta mudança conceitual, o trabalho de Miguel H. Fernández-Carrión¹ além de trazer uma revisão historiográfica e teórica sobre o seu aspecto territorial, estabelece uma tipologia das fronteiras (**fronteira no tempo** – na Antiguidade, na Era Moderna, na contemporaneidade; **fronteira no espaço** –; **fronteira no tempo e no espaço**; e **fronteira desenvolvida pela conduta humana** – fronteiras culturais, linguísticas, étnicas, religiosas, político-ideológicas, sociais, econômicas e psicológicas).

A fronteira compreendida tanto como o que está diante de mim quanto limites, entre o coletivo e o indivíduo, a análise da poesia nerudiana que se segue põe lado a lado História, Literatura e memória, ao considerar a produção histórica, a produção literária e a trajetória do autor contida em relatos biográficos e autobiográficos. Assim, a presença do autor enquanto intelectual-militante e agente político torna-se mais uma fronteira em relação ao mundo². Preliminarmente e levando em conta as discussões sobre o conceito de fronteira, estabelecemos três significados anteriores à análise dos poemas –podendo variar de acordo com a interpretação dos versos – zona de mediações, limites e trânsitos. De igual maneira, compreendemos o conceito a partir das ideias de espaço e lugar, tanto com uma função objetiva/real de espaços construídos e onde se compreendem experiências humanas no tempo, como uma função subjetiva/virtual, as experiências sensíveis.

1.1 A Fronteira Entre Imagens e Representações: o Canto General de Pablo Neruda

As ideias expressadas e as imagens utilizadas por Neruda ao longo dos capítulos do *Canto* não formam uma visão sistematizada sobre a fronteira por não ter sido extensamente tematizada, e também porque é uma ideia bastante dispersa textualmente (tanto na sua principal acepção *frontera* quanto na sua variante pouco frequente e quase irrelevante *borde*). Pela vastidão da obra, um dos primeiros filtros para o estudo está contido na própria linguagem. Os três primeiros poemas analisados integram o primeiro volume do *Canto General*, no seu capítulo IV – *Los Libertadores* são: *Avanzando en las tierras de Chile*; *Emiliano Zapata con música de Tata Nacho* e *el desierto*.

*Avanzando en las tierras de Chile*³ aborda a questão da fronteira desde as

1 FERNÁNDEZ-CARRIÓN, Miguel H. *Historiografía, Metodología y tipología de fronteras*. Pp.36-47.

2 Idem. *Ibid.* p.34.

3 **Avançando nas terras do Chile**: Espanha entrou até o Sul do Mundo. Prostrados, exploraram a neve os altos espanhóis. O Bío-Bío, grave rio, lhe disse à Espanha << Pare>>; o bosque de maite-nes* cujos fios verdes penduram como tremor de chuva disse à Espanha <<Não siga>>. O cipreste, titã das fronteiras silenciosas disse em um trono a sua palavra. Mas até o fundo da pátria minha, punho e

imagens do rio Bío-Bío, do *alerce* (cipreste-da-Patagônia) e do *maitén* (árvore originária da região do Extremo-Sul do atual território chileno). Enaltecendo primeiramente as fronteiras naturais, a vegetação, a chuva e outros elementos do meio-ambiente como limites ao assentamento humano, há uma preocupação em colocar a fronteira em seus diferentes contextos. Neste caso, a vegetação e o clima da Patagônia são imponentes, mas não suficientes para conterem a invasão, a colonização espanhola do atual Chile e do “Sul do Mundo”. A natureza em sua diversidade e exuberância, de flora e fauna, entre as formações terrestres e oceânicas se mostrou ameaçadora, ao passo de uma “agrupação da pureza”, os colonizadores não conseguiram ter o discernimento entre uma visão paradisíaca ou um temor de uma terra desconhecida.

*A Emiliano Zapata con música de Tata Nacho*⁴ inicia com menções a duas figuras a Emiliano Zapata (1879-1919, líder camponês e revolucionário na Revolução Mexicana) e Ignacio Fernández Esperón⁵ (1894-1968, músico e compositor mexicano que ficou conhecido após a revolução). Os versos concebem o papel de Emiliano em relação a duas canções de Tata Nacho: *La Borrachita* e *Adiós mi chaparrita*.

A Revolução Mexicana no poema *A Emiliano Zapata* é colocada a partir da exclusão social no ambiente do campo (a desolação e a solidão), neste contexto a figura de Zapata aparece como um criador e uma luz (terra e aurora), esse líder

punhal o invasor chegava. Pelo rio Imperial, em cuja orla meu coração amanheceu no trevo, entrava o furacão na manhã. O largo leito das garças ia desde as ilhas pelo mar furioso, cheio como uma taça interminável, entre as margens de cristal sombrio. Em suas orlas eriçava o pólen um tapete de estames turbulentos e desde o mar o ar comovia todas as sílabas da primavera. O avelã da Araucania, levantava fogueiras e cachos por onde a chuva resvalava sobre a agrupação da pureza. Tudo estava enredado de fragrâncias, empapado de luz verde e chuvosa e cada matagal de odor amargo era um ramo profundo do inverno ou uma extraviada formação marinha ainda cheia de oceânico orvalho. Dos barrancos se elevavam torres de pássaros e plumas e um vendaval de solidão sonora, enquanto na molhada intimidade, entre as cabeleiras encrespadas da samambaia, era a topa-topa florescida um rosário de beijos amarelos”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. tradução nossa. *A planta *maitén* é chamada no português de Coração-de-bugre.

4 **A Emiliano Zapata com música de Tata Nacho:** Quando acentuaram as dores na terra, e os espinhos desolados foram a herança dos camponeses, e como passado, as raptoras barbas cerimoniais, e os chicotes, então, flor e fogo galopado... *Borrachita meu vou pela capital*, se encabritou na alba transitória, a terra sacudida de facas, o peão de suas amargas tocas, caiu como um milho descascado sobre a solidão vertiginosa. *A pedir-lhe ao patrão que me mandou chamar* Zapata então foi terra e aurora. Em todo o horizonte aparecia a multidão de sua semente armada. Em um ataque de águas e fronteiras, o férreo manancial de Coahuila, as estelares pedras de Sonora: tudo veio a seu passo adiantado, a sua agrária tormenta de ferraduras. Que se se vá do rancho logo voltará Reparte o pão, a terra: te acompanho. Eu renuncio a minhas pálpebras celestes. Eu, Zapata, me vou com o orvalho das cavalarias matutinas, em um disparo desde os cactos*, até as casas de parede rosada.*fitinhas para teu cabelo não chores por teu Pancho*... A lua dorme sobre as montarias. A morte amontoada e repartida jaz com os soldados de Zapata. O sonho esconde sob os baluartes da pesada noite seu destino, sua incubadora lençol sombrio. A fogueira agrupa o ar desvelado: graxa, suor e pólvora noturna. *Borrachita me vou para esquecer-te*... Pedimos pátria para o humilhado. Tua faca divide o patrimônio e tiros e corcéis amedrontam os castigos, a barba do carrasco. A terra se reparte com um rifle. Não esperes, camponês poeirento, depois de teu suor a luz completa e o céu parcelado em teus joelhos. Levanta-te e galopa com Zapata. Já a quis trazer, disse que não... México, soturna agricultura, amada terra entre os escuros repartida: das espadas do milho saíram ao sol teus centuriões sudados. Da neve do Sul venho a cantar-te. Deixa-me galopar no teu destino e encher de pólvora e arados.

...*Que se haverá de chorar para que voltar?*... NERUDA, Pablo. *Canto General*. Pp.111-113. Tradução nossa.

5 URQUIJO RUIZ, Rita. *Wild Tongues: Transnational Mexican Popular Culture*. p.186.

Tata Nacho até o ano de sua morte, 1968, era presidente da *Sociedad de Autores y Compositores de Música*. <http://micancionero.com/?q=node/23>

camponês de Morelos, a guerra alcança a cavalo o norte (Coahuila e Sonora). O foco do poeta em Zapata está relacionado à imagem da terra, (presente em todos os capítulos do *Canto*). A liderança nortista de Francisco “Pancho” Villa se apresenta também por uma sinédoque substituindo o *Pancho* da canção ‘*Adiós mi chaparrita*’, de Tata Nacho.

*El desierto*⁶, provavelmente apresenta como as grandes “fronteiras areais” o deserto do Atacama, o sal provém da Salina de Atacama, a maior reserva de sal de todo o Chile⁷. A dureza do sol na zona desértica é como o mundo vazio e estéril, mas ao mesmo tempo possui uma pureza cristalina. Assim, este forma um imponente limite natural entre regiões do país, assim como fronteira que avança e se estende entre Chile e Peru (ao norte), Bolívia e Argentina (a oeste com a puna de Atacama).

A reflexão existencial sobre o deserto é relevante no sentido de uma avaliação dos valores e de nossa condição, como as subjetividades se formam frente ao deserto que é o mundo, esta zona árida nos transforma em seres áridos e as fronteiras de areia entre esta e os possíveis oásis. Os ruídos “do sal que geme” são todas as vozes que são ou não ouvidas, e a nudez, a esterilidade das terras da pampa desértica são tanto o vazio no sentido emocional quanto a descrição da geografia cara ao poeta. O deserto em seu vazio, em sua imensidão, “espaço e astro, onde a zona de Tamarugal colhe todo o silêncio perdido no tempo”, forma o espaço, a produção, a sociedade e a cultura do Chile de maneira decisiva, o “peito varonil do mundo” é onde a “planície e a solidão do mundo” se manifestam como fundantes de uma variante da condição humana. O deserto também é a “precisão do teu vazio” desterro, a partida do escritor para o exílio. Esta árida paisagem seria tanto descrição geográfica, sensibilidade do tempo-espaço e experiência biográfica de Neruda⁸.

O poema *El doctor Francia*⁹ refere-se a José Gaspar Rodríguez de Francia

6 “**O deserto:** O duro meio-dia das grandes areias chegou: o mundo está desnudo, largo, estéril, e limpo até as últimas fronteiras areais: escutai o som quebradiço do sal vivo, só nas salinas: o sol rompe seus vidros na extensão vazia agoniza a terra com um seco e afogado ruído do sal que geme. Vem ao circuito do deserto, à alta aérea noite da pampa, ao círculo noturno, espaço e astro, donde a zona de Tamarugal colhe todo o silêncio perdido no tempo. Mil anos de silêncio em uma copa de azul calcário, de distância e lua, lavram a geografia desnuda da noite. Eu te amo, pura terra, como tantas coisas amei contrárias: a flor, a rua, a abundância, o rito. Eu te amo, irmã pura do oceano. Para mim foi difícil esta escola vazia em que não estava o homem, nem o muro, nem a planta para apoiar-me em algo. Estava só. Era planície e solidão da vida. Era este o peito varonil do mundo. E amei o sistema de tua forma reta, a extensa precisão do teu vazio.”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.119-120.

7 ERRÁZURIZ KÖRNER, Ana María (org.). *Manual de Geografía de Chile*. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1998. Pp.76-82. O deserto de Atacama é uma formação de relevo localizada no setor norte e na Região setentrional das pampas desérticas e cordilheiras pré-antiplânicas, nos territórios de Arica, Tarapacá, Antofagasta e Atacama. Essa região é mais conhecida como o Norte Grande do Chile.

8 NERUDA, Pablo. *Canto General: Manuscritos Originales*. Pp.14-15.

9 “**O doutor Francia:** O Paraná nas zonas emaranhadas, úmidas de outros rios onde a rede de água, Yabebiri, Acaray, Igurey, joias gêmeas coloridas de quebracho¹, rodeadas pelas espessas copas do copal, transcorre pelos lençóis atlânticos arrastando o delírio do Nazaré roxo, as raízes do curupay² em seu sonho arenoso. Do lodo quente, dos troncos do jacaré devorador, em meio da pestilência silvestre cruzou o doutor Rodríguez de Francia para a poltrona do Paraguai. E viveu entre as rosetas de rosada alvenaria como uma estátua sórdida e cesárea coberta pelos véus da aranha sombria. Solitária grandeza no salão cheio de espelhos, espantalho negro sobre felpa vermelha e ratos assustados na

(1766-1840), advogado, teólogo e Ditador Supremo do Paraguai logo após a sua independência. O governo de Francia (da década de 1810 até 1840 com a sua morte) foi marcado por isolamento em relação a outros países do Rio da Prata e da América de maneira geral. Tal política foi levada a cabo por Francia pela hostilidade de Buenos Aires em relação à independência paraguaia, a desaprovação do império britânico frente à navegação dos rios e à expropriação da Igreja¹⁰. As imagens do “jacaré devorador”, da “solitária grandeza”, do “rei leproso” e outras representam o caráter autocrático e repressor do governo vitalício do Dr. Francia.

A violência evocada – “o homem morto a coronhadas”, o “fuzilado em sua janela”, “amarrou barro e tortura nas fronteiras” – também denota uma ordem de proibição dos paraguaios de viajarem para o exterior, no entanto não significou o isolamento total, ao contrário do que diz o poema e muitas obras da historiografia¹¹. Os versos, tal qual o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia se encerra com a sua morte, no entanto, este ambiente inóspito aos habitantes do Paraguai continua devorando “as capitais miseráveis salpicadas pelo martírio”. As visões negativas sobre esse governo do Paraguai não são unânimes, inclusive existem teses que sustentam um “bem-estar popular¹²” no período de Francia, entretanto nos falta espaço para um debate historiográfico, e de maneira mais ampla, uma solução deste conflito de interpretações.

*Los jueces*¹³ representa em diferentes contextos tensões e exclusão social

noite. Falsa coluna, perversa academia, agnosticismo do rei leproso, rodeado pela extensão dos ervais na força do justicado, contando triângulos de estrelas, medindo chaves estelares, perseguindo o alaranjado entardecer do Paraguai com um relógio na agonia do fuzilado em sua janela, com uma mão no ferrolho do crepúsculo mão atado. Os estudos sobre a mesa, os olhos na espora do firmamento, os cristais virados da geometria, enquanto o sangue intestinal do homem morto a coronhadas, baixava pelos escalões chupada por verdes enxames de moscas que centelhavam. Cerrou o Paraguai como um ninho de sua majestade, amarrou tortura e barro nas fronteiras. Quando nas ruas sua silhueta passa, os índios se colocam com a visão para os muros: sua sombra resvala deixando duas paredes de calafrios. Quando a morte chega a ver o Dr. Francia, está mudo, imóvel, atado em si mesmo, só em sua caverna, detido pelas cordas da paralisia, e morre só, sem que ninguém entre na câmara: ninguém se atreve a tocar a porta do amo. E amarrado por suas serpentes, deslinguado, fervido em sua medula, agoniza e morre perdido na solidão do palácio, enquanto a noite estabelecida como uma cátedra, devora as capitais miseráveis salpicadas pelo martírio”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. pp.137-138, tradução nossa.

10 CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História Econômica da América Latina*. Pp.212-213.

11 Cf. LYNCH, J. Capítulo 8. Las repúblicas del Río de la Plata. In: BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina*. Pp.307-308. e CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História Econômica da América Latina*. Pp.213. Cardoso e Brignoli sustentam a tese do total isolamento, no entanto esta não se sustenta pelos movimentos de agentes que entram no Paraguai e passam a servir o governo.

12 HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Pp. 193-194.

13 “Os juízes: Pelo alto Peru, pela Nicarágua, sobre a Patagônia, nas cidades, não teve razão, não tem nada: taça de miséria, abandonado filho das Américas, não há lei, não há juiz que te proteja a terra, a casinha dos milhos. Quando chegou a casta dos teus, dos senhores teus, já esqueci o sonho antigo de garras e facas, veio a lei a despovoar teu céu, a arrancar-te torrões adorados, a discutir a água dos rios, a roubar-te o reinado das árvores. Te atestaram, te puseram selos na camisa, te forraram o coração com folhas e papéis, te sepultaram em éditos frios, e quando despertaste na fronteira da mais despenhada desventura, despossuído, solitário, errante, te deram calabouço, te amarraram, te amarraram para que nadando não saíste da água dos pobres, mas que te afogaras esperneando. O Juiz benigno te lê o inciso número Quatromil, Terceiro parágrafo, o mesmo usado em toda a geografia azul

dos mais pobres nas Américas, assim como o autoritarismo do Estado, a coerção extra-econômica estatal – com as chamadas ‘leis contra a vadiagem’, assim como a expropriação (a imagem do homem despossuído) dos produtores para a formação de um proletariado paupérrimo¹⁴ e outras violações de direitos humanos. Essa autoridade consolidada é representada por Neruda na imagem dos juízes, o Judiciário enquanto uma representação do poder do Estado frente aos excluídos da sociedade e seus sofrimentos. De tal modo, a fronteira é a visão destes atores frente a passagem do seus modos de vida anteriores a desagregações e situações degradantes.

O *Brasil*¹⁵ da *Crônica de 1948*¹⁶ é imaginado inicialmente com Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), militar e presidente do Brasil entre 1946 e 1951. A descrição negativa feita de Dutra (pavoroso peru engordado) remete a diversas medidas autocráticas tomadas pelo presidente. Desde o decreto proibindo greves, em 1946, até a perseguição política empreendida em seu governo a grupos políticos de oposição, principalmente ao movimento operário e ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)¹⁷. Em um jogo de luz e sombras o apelo revolucionário do poeta para que a classe trabalhadora transcenda a sua condição de explorada (“Pedreiros do Brasil, golpeai a fronteira”), traz uma representação da América em um seus elementos intrínsecos; A superação das injustiças por seus filhos sofridas partindo da sua imponência (e da sua “claridade planetária”) frente ao mal (na metáfora do “fundo de teus répteis) para sairmos de “nossa noite tenebrosa”.

Luis Cortés (de Tocopilla)¹⁸ – o poema III do capítulo VIII: *La tierra se llama Juan*

que libertaram outros que foram como tu e caíram, e te institui por seu codicilo e sem apelação, cachorro sarnoso. Diz teu sangue, como entrelaçaram ao rico e a lei? Com que tecido de ferro sulfuroso, como foram caindo os pobres ao tribunal? Como se fez a terra tão amarga para os pobres filhos, duramente amamentados com pedra e dores? Assim passou e assim o deixou escrito. As vidas o escreveram em minha frente” NERUDA, Pablo. *Canto General I*. pp.168-169. Tradução nossa.

14 CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. Pp.127-132.

15 “**Brasil:** Brasil, o Dutra, o pavoroso peru das terras quentes, engordado pelas amargas ramas do ar venenoso: sapo dos negros pântanos de nossa lua americana: botões dourados, olhinhos de rato cinza roxeado: Ó, Senhor, dos intestinos de nossa pobre mãe faminta, de tanto sonho e resplandecentes libertadores, de tanto suor sobre os buracos da mina, de tanta e tanta solidão nas plantações, América, elevas de pronto tua claridade planetária a um Dutra tirado do fundo de teus répteis, de tua surda profundidade e pré-história. E assim sucedeu! Pedreiros do Brasil, golpeai a fronteira, pescadores, choraí de noite sobre as águas litorais, enquanto Dutra, com seus pequenos olhos de porco selvático, rompe com um machado a imprensa, queima os livros na praça, encarcera, persegue e fustiga até que o silêncio se faz em nossa noite tenebrosa”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. pp.175. Tradução nossa.

16 Capítulo V: La arena traicionada. Parte IV. Crônica de 1948. In: NERUDA, Pablo. *Canto General I*. p.174-180.

17 <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/DoisGovernos/CassacaoPC>

18 “**Luis Cortés (de Tocopilla):** Camarada, me chamo Luis Cortés. Quando veio a repressão, em Tocopilla me agarraram. Me atiraram em Pisagua. Você sabe, camarada, como é isso. Muitos caíram enfermos, outros enlouqueceram. É o pior campo de concentração de González Videla. Vi morrer Ángel Veas, do coração, uma manhã. Foi terrível vê-lo morrer nessa areia assassina, rodeados de alambrados, depois de toda sua vida generosa. Quando me senti enfermo, também do coração, me trasladaram a Garitaya. Você não me conhece, camarada. É no alto, na fronteira com a Bolívia. Um ponto desolado, a 5000 metros de altura. Há uma água salobra para beber, salobra, mais que a água do mar, e cheia de pulgões como vermes rosados que pululam. Faz frio e o céu parece que em cima da solidão caíra sobre nós, sobre meu coração que já não posso mais. Os mesmos carabineiros tiveram piedade, e contra as ordens de deixar-nos morrer sem que jamais quiseram enviar uma maca, me amarraram a

– é um poema integrante de um capítulo sobre as pessoas comuns (a quem e quem mais canta o poeta, o nome próprio muito popular de Juan), esses trabalhadores e a um auge de coações sofrida por eles e por vários outros grupos em fins da década de 1940. Em vários poemas desse capítulo, e especificamente neste terceiro, são mencionados espaços onde as prisões e abusos foram mais presentes. Pisagua foi um campo de concentração e trabalhos forçados inaugurado em 1947 pelo presidente Gabriel González Videla. Além desta grave violação de direitos denunciada por Neruda entre a literatura e a memória, a sua preocupação encontra-se em divulgar os diversos casos dentro de suas possibilidades, sobretudo pela censura aos meios de comunicação empreendida pelo governo González Videla¹⁹. O sofrimento e a degradação de seres humanos expressada nos versos mescla elementos reais e imaginados de experiências de presos e exilados com os quais teve contato.

No monumental poema *Que despierte al leñador*²⁰ (um poema de mais de 15 páginas), Pablo Neruda aborda em dois momentos a questão fronteiriça. Os limites do território da União Soviética frente à Alemanha nazista são a primeira manifestação,

uma mula e descemos as montanhas: 26 horas caminhou a mula, e meu corpo já não resistia, camarada, entre a cordilheira sem caminhos, e meu coração enfermo, aqui me tem, fixe-se nos hematomas, não sei o quanto viverei, mas a você lhe toca, não penso em pedir nada, diga você, camarada o que faz ao povo o maldito, aos que o levamos a altura que ri com riso de hiena sobre nossas dores, você, camarada, diga-lo, diga-lo, não importa minha morte nem nossos sofrimentos porque a luta é longa, mas que se conheçam estes padecimentos, que se conheçam, camarada, não se esqueça.” NERUDA, Pablo. *Canto General II*. pp.46-47, tradução nossa.

19 NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. p.266-268.

20 Antes da tradução, ressaltamos a redução do poema à questão de fronteira por conta de sua extensão para fins de um artigo. “**Que desperte o lenhador (excertos páginas 73-76):** Ali deixaram a pele aqueles que defenderam os carrascos, e no amplo terreno da URSS, Stalin trabalhou noite e dia. Mas mais tarde vieram em uma onda de chumbo os alemães atraídos por Chamberlain. Stalin os enfrentou em todas as vastas fronteiras, em todos as retiradas, em todos os avanços e até Berlim seus filhos como um furacão de povos chegaram e levaram a paz ampla da Rússia. Molotov e Voroshilov estão ali, os vejo, com os outros, os altos generais, os indomáveis. Firmes como nevados carvalhos. Nenhum deles tem palácios. Nenhum deles tem regimentos de servos. Nenhum deles se fez rico na guerra vendendo sangue. Nenhum deles vai como um pavão ao Rio de Janeiro ou a Bogotá dirigir pequenos sátrapas manchados de tortura: nenhum deles tem duzentos ternos: nenhum deles tem ações em fábricas de armas, e todos eles têm ações na alegria e na construção do vasto país onde ressoa a aurora levantada na noite da morte. Eles disseram "Camarada" ao mundo. Eles fizeram rei o carpinteiro. Por essa agulha não entrará um camelo. Lavaram as aldeias. Dividiram a terra. Elevaram o servo. Apagaram o mendigo. Aniquilaram os cruéis. Fizeram luz na espaçosa noite. Por isso a ti, garota do Arkansas ou a ti jovem dourado de West Point ou melhor a ti mecânico de Detroit ou então a ti carregador da velha Orleans, a todos falo e digo: afirma o passo, abre teu ouvido ao vasto mundo humano, não são os elegantes do Departamento de Estado nem os ferozes donos de aço aqueles que estão falando mas um poeta do extremo Sul da América, filho de um ferroviário da Patagônia, americano como o ar andino, hoje fugitivo de uma pátria onde cárcere, tormento, angústia imperam enquanto cobre e petróleo lentamente se convertem em ouro para reis alheios. Tu não és o ídolo que em uma mão leva o ouro e na outra a bomba. Tu és o que sou, o que fui, o que devemos amparar, o fraternal subsolo da América puríssima, os simples homens dos caminhos e das ruas. Meu irmão Juan vende sapatos como teu irmão John, minha irmã Juana descasca batatas, como tua prima Jane, e meu sangue é mineiro e marinheiro como seu sangue, Peter. Você e eu vamos abrir as portas para deixar o ar dos Urais passar pela cortina de tinta, você e eu vamos dizer para o furioso: "My dear guy, até aqui não mais chegaste", mais para cá a terra nos pertence para que não ouça o sibilo da metralhadora, mas uma canção, e outra canção, e outra canção. Mas se armas tuas tropas, América do Norte, para destruir essa fronteira pura e trazer o abatedor de Chicago para governar a música e a ordem que amamos, vamos deixar as pedras e o ar para morder-te[...]”. NERUDA, Pablo. *Canto General II*. pp.73-76. Tradução nossa.

esta ressalta o papel decisivo da URSS na Segunda Guerra Mundial e na rendição alemã. De ações reais a possibilidades não-realizadas dos ideais revolucionários socialistas, há a volta de um movimento do início desta vasta poesia, de diálogo do eu-lírico com os agentes do contexto dos Estados Unidos, o paralelo entre Juan e John conclama a agregação dos povos norte-americanos ao movimento de emancipação sonhado.

A outra passagem no poema sobre a questão porta uma tônica diferente, adverte ao ente América do Norte que não destrua “essa fronteira pura” que é o Sul, essa “terra nos pertence”, senão haverá uma grande reação, desde as pedras até o ar, desde Tocopilla até o México e o Texas, desde a Grécia, a Romênia, a Bulgária, até a China. Todos os territórios e povos que estão na esfera de influência do socialismo, desse “ar dos Urais”.

Em seu *Saludo (1949)*²¹ a Chile, na abertura do *Coral de año nuevo para la patria en tinieblas*, no princípio do ano de 1949, o escritor concebe o seu país em trevas por conta do governo de González Videla e do ambiente geral de tensão política e social. Ao se dirigir aos seus compatriotas e pensar a partir da geografia como uma imensidão de brilho como um todo, até as suas profundezas. A descrição do espaço chileno é uma grande inspiração para o poeta que se coloca como agente em uma micronarrativa autobiográfica.

A fronteira nesse relato é o exílio e a expectativa de regresso de Neruda a sua pátria, também significa as delimitações de sua utopia política e, por último, as fronteiras objetivas no espaço as quais percorreu a cavalo (atravessou a Cordilheira

21 **“Saudação (1949):** Feliz ano, chilenos, para a pátria em trevas feliz ano para todos, para cada um menos um, somos tão poucos, feliz ano, compatriotas, irmãos, homens, mulheres, crianças, hoje no Chile, a vós voa a minha voz, golpeia como um pássaro cego a tua janela, e te chama de longe. Pátria, o verão cobre o teu corpo doce e duro. As arestas de onde marchou a neve galopando ao oceano com lábios turbulentos, se veem azuis e altas como carvão do céu. Talvez hoje, a esta hora, levas a verde túnica que adoro, bosques, águas, e na cintura o trigo. E junto ao mar, amada, pátria marinha, moves teu universo iridescente de areias e de ostras. Talvez, talvez... Quem sou para tocar de longe tua nave, teu perfume? Sou parte tua: círculo secreto de madeira surpreendido em tuas árvores, crescimento calado como teu suave enxofre, estentórea cinza de tua alma subterrânea. Quando saí de ti perseguido, eriçado de barbas e pobreza, sem roupa, sem papel para escrever as letras que são minha vida, sem nada mais que um pequeno casaco, traz dois livros e uma seção de espinho recém cortada de árvore. (Os livros: uma geografia e o Livro das Aves do Chile.) Todas as noites leio tua descrição, teus rios: eles guiam meu sonho, meu exílio, minha fronteira. Toco teus trens, passo a mão em teus cabelos, me detenho a pensar na ferruginosa pele de tua geografia, sob os olhos à lunar esfera de rugas e crateras, e para o Sul enquanto durmo vai meu silêncio envolto em teus finais troncos de sal desmorronado. Quando desperto (é outro o ar, a luz, outra a rua, o campo, as estrelas) toco a fatia de espinho teu que me acompanha, cortada em Melipilla de uma árvore que me deram. E olho na couraça do espinho teu nome, áspero Chile, pátria, coração de crosta, vejo em sua forma dura como a terra, o rosto dos que amo e me deram suas mãos como espinhos, os homens do deserto, do nitrato e do cobre. O coração da árvore espinhosa é um círculo liso como um metal polido, ocre como uma mancha de duro sangue seco, rodeada por um íris de enxofre de lenha e tocando este puro prodígio da selva, recordo suas hostis e enroladas flores quando pelas guirlandas espinhosas e espessas o perfume violento de suas força te joga. E assim, vidas e odores de meu país me seguem, vivem comigo, acendem seu teimoso clarão dentro de mim, gastando-me e nascendo. Em outras terras olham através de minha roupa, me vem como uma lâmpada que passa pelas ruas, dando uma luz marinha que transpassa as portas: é a espada acendida que me deste e que guardo, como o espinho, pura, poderosa, indomável.” NERUDA, Pablo. *Canto General II*. p.129-130.

dos Andes)²², despossuído (“erichado de barbas e pobreza”), sofrendo com as intempéries (“suas hostis e enroladas flores”) e a perseguição das autoridades chilenas. No entanto, a natureza, toda a exuberante terra motivam-no a continuar o seu sonho para que esta seja livre (“como uma lâmpada que passa pelas ruas”).

*Patria te quieren repartir*²³, é um poema que remete ao processo de privatização da exploração de recursos minerais (sobretudo o cobre e o salitre) no território chileno por empresas estrangeiras (entre elas a *Anaconda Mining Company*, dos Estados Unidos) e empresas britânicas²⁴, aqui o processo é entendido como uma expropriação²⁵. O fechamento de Gabriel González Videla em seus correligionários de partido e grupos de direita (conservadora e extrema-direita: “pró-fascistas”, nazistas e franquistas²⁶) produziram a pátria “esquartejada”²⁷. Através das fronteiras físicas e naturais da pátria, como a Patagônia e o Oceano Pacífico (fronteiras marinhas e nevadas) os valores que leva desta e nega o título de “filhos” a seus opositores políticos. Assim, marca constantemente a diferença de Neruda e seus companheiros comunistas, socialistas, liberais e radicais com um projeto ‘para o bem’ do Chile frente aos apologistas do imperialismo.

*La frontera (1904)*²⁸ remete a uma percepção deste espaço ou lugar observado da infância de Neruda em Temuco, a capital da região da Araucania, para onde o

22 NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. pp.182-186. Pablo Neruda atravessou os Andes a cavalo até Buenos Aires, depois conseguiu chegar a Paris com a ajuda de Miguel Ángel Asturias, escritor da guatemalteco e seu amigo pessoal.

23 “**Pátria te querem repartir:** “*O chamavam chileno*”, dizem de mim estas larvas. Querem quitar-me pátria sob os pés, desejam cortar-te para eles como baralho sujo e repartir-te entre eles como carne graxenta. Não os amo. Eles creem que já te têm morta, esquartejada e na orgia de seus desígnios sujos te gastam como donos. Não os amo. Deixa-me amar-te em terra e povo, deixa-me perseguir meu sonho em tuas fronteiras marinhas e nevadas, deixa-me recolher todo o perfume amargo teu que em um copo levo pelos caminhos, mas não posso estar com eles, não me peças quando moves os ombros e caiam no solo com suas germinações de animais podres, não me peças que creia que são teus filhos. É outra a madeira sagrada de meu povoado. Amanhã serás em tua estreiteza de embarcação apertada, entre tuas duas marés de oceano e de neve, a mais amada, o pão, a terra, o filho. De dia o nobre rito do tempo libertado, de noite a entidade estrelada do céu.

24 ANSALDI, W. & GIORDANO, V. *América Latina: la construcción del orden*. Pp.481-486.

25 CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. p.102.

26 NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. p.270.

27 “González Videla tem entregue e negociado, pois, o patrimônio histórico, jurídico e moral do Chile”. NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. P.270.

28 “**A fronteira (1904):** O primeiro que vi foram árvores, barrancos decorados com flores de selvagem formosura, úmido território, bosques que se incendiavam e o inverno atrás do mundo, desbordado. Minha infância são sapatos molhados, troncos rotos caídos na selva, devorados por lianas e escaravelhos, doces dias sobre a aveia, e a barba dourada de meu pai saindo para a majestade das ferrovias. Frente a minha casa a água austral cavava fundas derrotas, pântanos de argilas enlutadas, que no verão eram atmosfera amarela por onde as carretas rangiam e choravam grávidas com nove meses de trigo. Rápido sol do Sul: restolhos, fumaças em caminhos de terras escarlates, beiras de rios de redonda linhagem, currais e poteiros em que reverberava o mel do meio-dia. O mundo poeirento entrava grau a grau nos galpões, entre barris e cordéis a adegas carregadas com o resumo vermelho do avelã, todas as pálpebras do bosque. Me pareceu ascender no tórrido traje do verão, com as máquinas trilhadoras pelas costas, na terra envernizada de boldos, erguida entre os carvalhos, indelével, pegando-se nas rodas como carne esmagada. Minha infância percorreu as estações: entre os trilhos, os castelos de madeira recente, a casa sem cidade, apenas protegida por reses e maçãs de perfume indizível fui eu, delgado menino cuja pálida forma se impregnava de bosques vazios e adegas”. NERUDA, Pablo. *Canto General II*. pp.183-184. Tradução nossa.

autor mudou de Parral (sua cidade natal) com dois anos de idade juntamente com seu pai, José Del Carmen Reyes Morales, funcionário da ferrovia no Extremo-Sul do Chile²⁹. Partindo de um retrato intimista e retrospectivo de sua trajetória, diante de tantas expressões do meio-ambiente consigo, o poeta desde a época em que era um “delgado menino” teve contato com muito material para a sua poesia. A submissão recente dos povos indígenas, a criação da Araucania como região e a sua colonização pelo Estado chileno produziu um território pouco povoado (“a casa sem cidade”) para o período³⁰.

*La casa*³¹, também como *La frontera*, expressa a realidade da Araucania, trazendo outros elementos como o “vento de guerra do tempo austral”, provavelmente outra remissão ao processo anteriormente referido, conhecido de outra maneira como “pacificação da Araucania”. Os trabalhadores da ferrovia são evocados a partir do “odor de carvão e fumaça”, novamente de José del Carmen Reyes, e estes “homens sem dinheiros”, com “carrancudas cicatrizes”, entram em contato com o jovem escritor desde muito cedo pessoas com condições de vida muito humildes.

Finalmente, em *El regreso (1944)*³², além das imagens do mundo natural expostas na maior parte dos poemas, dos mineradores, da pobreza, dos infames “homens da

29 NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. p.8.

30 CARDOSO, Ciro F. & PEREZ BRIGNOLI, Hector. *História Econômica da América Latina*. pp.175-176. O avanço militar e a desapropriação das terras indígenas, majoritariamente dos grupos indígenas *Mapuche* encerrou-se no ano de 1883, no entanto, a resistência contra o império espanhol, e depois, ao Chile independente ocorreu por três séculos até este ano, com a chamada resistência “pan-araucana”.

31 “**A casa:** Minha casa, as paredes cuja madeira fresca, recém cortada cheira ainda: desorganizada, casa da fronteira, que rangia a cada passo, e assoviava com o vento de guerra do tempo austral, fazendo-se elemento de tempestade, ave desconhecida sob cujas geladas plumas cresceu meu canto. Vi sombras, rostos, que com plantas em torno a minhas raízes cresceram, enlutados que cantavam tonadas à sombra de uma árvore e disparavam entre os cavalos molhados, mulheres escondidas na sombra que deixavam as torres masculinas, galopes que açoitavam a luz, enrarecidas noites de cólera, cães que ladravam. Meu pai com a alba escura da terra, para os perdidos arquipélagos em seus trens que uivavam se deslizou? Mais tarde amei o odor do carvão e da fumaça, os óleos, os eixos de precisão gelada, e o grave trem cruzando o inverno estendido sobre a terra, como uma lagarta orgulhosa. De pronto trepidaram as portas. É meu pai. O rodeiam os centuriões do caminho: ferroviários envoltos em seus mantos molhados, o vapor e a chuva com eles revestiram a casa, a sala de jantar se encheu de relatos enrouquecidos, os copos se verteram, e até mim, dos seres, como uma separada barreira, em que viviam as dores, chegaram as angústias, as carrancudas cicatrizes, os homens sem dinheiro, a garra mineral da pobreza”. NERUDA, Pablo. *Canto General II*. p.185 Tradução nossa.

32 **O regresso (1944):** Regressei... O Chile me recebeu com o rosto amarelo do deserto. Peregrinei sofrendo de árida lua em cratera arenosa e encontrei os domínios intocados do planeta, a lisa luz sem ramos, a retidão vazia. Vazia? Mas sem vegetais, sem garras, sem esterco me revelou a terra sua dimensão desnuda e de longe sua longa linha fria que nascem aves e peitos ígneos de suave textura. Mas mais distantes homens cavavam as fronteiras, colhiam metais duros, disseminados uns como farinha de amargos cereais, outros como altura calcinada do fogo, e homens e lua, tudo me envolveu em sua mortalha até perder o fio vazio dos sonhos. Me entreguei aos desertos e o homem da escória saiu de seu agulheiro, de sua aspereza muda e soube as dores do meu povoado perdido. Então fui pelas ruas e curules* e disse quanto vi, mostrei as mãos que tocaram os caroços de dor, as vivendas da desamparada pobreza, o miserável pão e a solidão da lua esquecida. E cotovelo a cotovelo com meu irmão sem sapatos quis trocar o reino das moedas sujas. Fui perseguido, mas nossa luta segue. A verdade é mais alta que a lua. A vem como se fossem em um navio negreiro os homens das minas quando olham a noite. E na sombra minha voz é repartida pela mais dura estirpe da terra”. NERUDA, Pablo. *Canto General II*. pp.196-197. Tradução nossa. A palavra curule* tem origem nos símbolos de autoridade dos grandes magistrados da Roma Antiga.

escória” e outras, o regresso do autor ao Chile vindo do México é importante porque se converteu ao comunismo no fim deste mesmo ano, percorreu os mais diversos territórios do México (na passagem “me entreguei aos desertos”, há um paralelo entre as zonas áridas mexicanas e a imensidão do Atacama chileno), também reforçou o seu engajamento após a agressão sofrida por ele por nazistas em Cuernavaca antes da volta (diz antes da perseguição do Estado chileno em 1947-48, “fui perseguido” em território mexicano).

CONCLUSÃO

A diversidade de imagens que se integram à representação de Pablo Neruda sobre a fronteira, da economia à cultura, da sociedade à política, da geografia à história, conectadas por uma ideia muito presente de mediações, e em maior parte as imagens lidam com as ideias de fronteiras políticas/nacionais e fronteiras naturais, para além de suas nuances antes referidas sobre a subjetividade dos *lugares*. As reflexões sobre o espaço nos levam ao primeiro aspecto ressaltado e o momento predominante, a economia, porque o espaço é produzido a partir das relações sociais de produção, como é ocupado e tornado matéria humana³³. A natureza é o ponto de partida de qualquer economia, qualquer produção porque:

“O trabalho não é a fonte de toda riqueza. A natureza é a fonte dos valores de uso (e é em tais valores que consiste propriamente a riqueza material!), tanto quanto o é o trabalho, que é apenas a exteriorização de uma força natural, da força de trabalho humana”. MARX, K. *Crítica ao programa de Gotha*. p.24.

A perspectiva nerudiana, portanto, se insere em uma ontologia de mundos em contato, colonizadores e impérios frente à América resistente com seus filhos mineiros, as fronteiras do império norte-americano a serem tomadas pelos ideais revolucionários, todas essas questões nos levam às relações intrínsecas entre os territórios³⁴, como o que está diante de nós ao passo que nos delimita, também é o lugar de onde enunciamos. As ações humanas, portanto, são sempre consequência do espaço em que habitam, não especificamente da geografia (enquanto configuração específica, área de conhecimento e descrição do espaço), mas das diferentes organizações dos seres humanos.

33 “Nosso enfoque é fundamentalmente baseado no fato de ser o espaço humano reconhecido, tal qual é, em qualquer que seja o período histórico, como resultado da produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”. SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. p.202

34 Nesse sentido Edward W. Said escreve que “Tudo na história humana tem as suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar a habitação, mas também significa que as pessoas pensaram em *ter* mais territórios” e continua “Assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações”. 1. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. In: SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Pp.39-40.

REFERÊNCIAS

A) FONTES

NERUDA, Pablo. *Canto General*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.

_____. *Canto General II*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1975.

_____. *Canto General*, Manuscritos Originales: Edición Facsimilar. Santiago de Chile: Fundación Pablo Neruda, 1ª ed. 2013.

_____. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Para nascer nasci*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

B) BIBLIOGRAFIA

ANSALDI, Waldo. & GIORDANO, Verónica. *América Latina*, la construcción del orden. Tomo I – De la colonia a la disolución de la dominación oligárquica. Buenos Aires: Ariel, 2012.

CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História Econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. São Paulo: Global Editora, 1983.

FERNÁNDEZ-CARRIÓN, Miguel H. Historiografía, Metodología y tipología de fronteras. São Paulo: **Projeto História** – PPGH/PUC-SP, v.41, 2010. Pp.31-61.

MARX, Karl. *Crítica ao programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2004.

URQUIJO RUIZ, Rita. *Wild Tongues: Transnacional Mexican Popular Culture*. Austin: University of Texas Press, 2012.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

